

Diversidade e percepção de igualdade de gênero nos cursos de ciências exatas da UFRGS

RESUMO

Maiara Rosa Alves

maialves19@gmail.com

0000-0003-3425-9021

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Osório, Rio Grande do Sul, Brasil.

Marcia Cristina Bernardes

Barbosa

marcia.barbosa@ufrgs.br

0000-0001-5663-6102

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Edson Luiz Lindner

edson.lindner@gmail.com

0000-0002-6698-7085

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Neste trabalho, analisamos o percentual de mulheres, de negros e negras nos cursos de graduação e na docência em Ciência da Computação, Estatística, Física, Geologia, Matemática e Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A partir dos dados estatísticos apresentados, realizamos uma análise qualitativa sobre a percepção dos estudantes nesses cursos com relação à questão de gênero no contexto acadêmico. Em particular, analisamos o que leva as estudantes mulheres a buscarem essas áreas e os obstáculos que elas enfrentam. Buscamos, igualmente, compreender o que distingue as sub áreas das exatas com maior participação de mulheres como a química quando comparadas com as demais analisadas. Os dados foram coletados anonimamente, na forma de um questionário *on-line* com perguntas fechadas e abertas. Os resultados revelam uma diferença de participação no que se refere ao gênero, mas não à raça, e que há diversas razões que interferem no interesse das mulheres pelas exatas, como a influência da família, da sociedade ou de referências femininas que se destacaram na ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemáticas (CTEM). Exatas.

INTRODUÇÃO

Apesar do direito ao ingresso no Ensino Superior se dar somente a partir de 1879, as mulheres no Brasil vivem um processo de expansão do nível de escolarização, chegando hoje a se constituir a maioria entre os estudantes de graduação, mestrado e doutorado no Brasil (BARRETO, 2014; INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA [INEP], 2020). Esta igualdade de recursos humanos, observada em estudos nacionais, bem como o da editora Elsevier, sugere que o Brasil tem o melhor balanço entre homens e mulheres como autores de artigos (ELSEVIER, 2016) e levam à ideia de que o Brasil seja um caso de sucesso de igualdade entre homens e mulheres.

No entanto, o aumento da participação feminina no Ensino Superior do Brasil se dá de forma heterogênea, com uma maior presença feminina nas profissões ou áreas que possuem pouco *status* social (BARRETO, 2014). Em particular, as mulheres aparecem em minoria nas áreas das Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemáticas (CTEM).

O desinteresse das mulheres por certas áreas do conhecimento se dá no processo educacional. Na escola, apesar das crianças terem uma curiosidade para todos os temas, verifica-se um decréscimo no número de jovens do sexo feminino que se identificam e escolhem temas CTEM à medida que avançam na escolaridade. Este fenômeno tem sido chamado de labirinto de cristal (LIMA, 2007) representando os constantes obstáculos invisíveis que as mulheres enfrentam para conseguirem avançar nestas carreiras. O labirinto de cristal é uma alegoria para um trajeto repleto de desafios para as mulheres, mas transparente para o restante da sociedade.

Além da falta de igualdade entre percentuais de estudantes dos sexos masculino e feminino em certas áreas do conhecimento, o percentual de mulheres diminui à medida que avançam na carreira acadêmica nas demais áreas. Este fenômeno da ausência de mulheres no poder é conhecido como teto de vidro. A expressão é uma alegoria ao fato de as mulheres terem a impressão de que suas oportunidades são iguais às dos homens, quando, na realidade, atingem posições de poder em um percentual inferior à sua atuação na área. A inexistência de mulheres em posições de destaque pode servir de desestímulo para mais jovens ingressarem nas carreiras de CTEM (BREDA *et al.*, 2020).

O processo em que os homens se apropriam de posições de poder e áreas do conhecimento se dá a partir do androcentrismo. A ideologia do androcentrismo cria instrumentos sociais. Bourdieu identifica estes instrumentos de dominação e os processos como um capital cultural acessível somente aos homens (BOURDIEU; KÜHNER, 2012). Este processo cria preconceitos denominados de racismo da intelligentsia (ARÊAS; SANTANA; BARBOSA, 2020) que fazem com que se aceite como normal não somente os homens estarem majoritariamente em posições do topo da carreira como exercerem atividades específicas relacionadas à inteligência ou a um grau de dificuldade excepcional.

As mulheres ainda são vistas como intelectualmente incapazes de ocupar espaços de poder e, igualmente, posições em CTEM. No imaginário social, estas áreas requerem habilidades cognitivas as quais, para muitos, não estão presentes no universo feminino (BIAN; LESLIE; CIMPIAN, 2017). Este preconceito tem como consequência avaliações de currículos com viés de gênero (MOSS-RACUSIN *et al.*,

2012) e leva a uma autoestima distorcida, fazendo com que mulheres não se vejam como capazes (MARSHMAN *et al.*, 2018) de competir por cargos mais elevados na carreira (ABOUZAHAR *et al.*, 2017).

O avanço da participação das mulheres na universidade deu origem a alguns mitos. O primeiro mito é o da igualdade de participação de homens e mulheres em todos os níveis, inclusive em postos de poder. Estudos mostram que esta percepção está incorreta. As análises dos percentuais de bolsistas da área de Física (BARBOSA; LIMA, 2013) e de Computação (MAIA, 2016), durante uma década, mostraram que o percentual de mulheres nestas posições é muito menor do que o dos homens e que pouco tem mudado ao longo do tempo.

O segundo mito é o de que o ingresso de mulheres em CTEM têm avançado e que elas têm aumentado sua participação significativamente ao longo do tempo sem a necessidade do estabelecimento de políticas para tanto. Infelizmente, no Brasil, este não é o caso. O percentual de estudantes nas áreas de CTEM, dependendo do nível (graduação ou pós-graduação), ou tem se mantido estável ou tem diminuído ao longo dos últimos 15 anos (MAIA, 2016).

Tentando compreender o que leva estudantes a selecionarem a área de CTEM e os impactos dessa escolha, Santos, Canever e Frotta (2013) mostraram que mulheres, prioritariamente, selecionaram cursos na área da docência, direito, biológicas e saúde. Outro estudo identificou, por meio de um questionário, uma rejeição das meninas pelas disciplinas consideradas por elas “difíceis”, como Matemática, Física e Química (QUEIROZ; CARVALHO; MOREIRA, 2014). Estes estudos identificam a construção do estereótipo (BIAN; LESLIE; CIMPIAN, 2017). A presença de estereótipos não se restringe às questões de gênero. Quando se analisa as preferências profissionais com um viés racial, verifica-se que negros e negras optam por áreas específicas como ensino, enfermagem, atenção primária e educação (ARTES; RICOLDI, 2015).

Caran *et al.* (2010), com o intuito de identificar a existência de assédio moral entre os docentes de uma universidade brasileira, constatou que dentre os 54 docentes que compunham a amostra, nenhuma pessoa era negra. O que evidencia uma problemática importante a respeito da presença de negros e negras em espaços que, historicamente, não são ocupados por eles, como é o caso da docência no Ensino Superior. Outro estudo mais recente de Brito *et al.* (2022) mostra que entre as vítimas de assédio moral e sexual, mulheres, negros e negras são o grupo majoritário. A combinação destes trabalhos parece indicar que há um mecanismo comum de exclusão de negros e negras e de mulheres em determinadas áreas do conhecimento. Seria isto universal ou existem sutilezas neste processo de exclusão quando o tema é CTEM?

Dentro das áreas de CTEM, observa-se que a área de química tem apresentado um percentual maior de mulheres na liderança (FERRARI *et al.*, 2018), particularmente no Brasil. Talvez as meninas busquem mais a química por encontrarem na sociedade mais mulheres atuando nesta área. Este fenômeno talvez ajude a explicar o porquê das mulheres se afastarem das demais áreas de CTEM e se existe o mesmo processo na questão racial.

Neste trabalho, analisamos a participação de estudantes e docentes na graduação dos cursos de Ciência da Computação, Estatística, Física, Geologia, Matemática e Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), separados por sexo e raça. Nesta primeira etapa, verificamos se existe algum

padrão comum da participação de mulheres e de negros e negras no Ensino Superior.

Após detectarmos uma maior participação de mulheres na graduação e docência em química quando comparada com as demais áreas de CTEM, um padrão não observado no recorte racial, decidimos analisar a percepção de estudantes de graduação da área de exatas, dos cursos de Ciência da Computação, Estatística, Física, Geologia, Matemática e Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre o seu curso de ingresso. Para tanto, fizemos um questionário direcionado aos estudantes desta área, buscando entender o que dentro da área de química, uma ciência exata, torna-a mais interessante para as mulheres do que as demais.

A análise da percepção é confrontada com os dados da evolução do percentual de mulheres ingressantes nesses cursos ao longo do tempo. Assim, espera-se que os dados e resultados dos questionários aqui discutidos possam contribuir para a identificação dos desafios que perpassam a questão de gênero na ciência.

METODOLOGIA

Este estudo contempla duas partes: uma análise de percentual de estudantes e docentes em um conjunto de cursos; e um questionário. A primeira parte avaliou todo o conjunto de estudantes matriculados por raça e sexo entre os anos de 2015 a 2019 e o percentual de docentes ativos por sexo em 2019 dos cursos de Ciência da Computação, Estatística, Física, Geologia, Matemática e Química da UFRGS.

Esses dados foram fornecidos junto à Pró-reitoria de Graduação da UFRGS, mediante solicitação formal de acesso à informação. Nesta primeira etapa, incluímos igualmente uma análise do percentual de estudantes e sua distribuição racial. Se o mecanismo de exclusão em determinados cursos que em outros no tema raça for igual ao tema gênero, espera-se ter uma participação menor em certos cursos de negros e negras que em outros.

A escolha dos cursos se deu por conta do baixo percentual de mulheres nessa área, já que em cursos como Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), por exemplo, as mulheres constituem menos de 15% dos estudantes concluintes (INEP, 2020). Dessa forma, torna-se relevante investigar na prática quais os motivos que levam as mulheres a optarem por esses cursos, apesar da predominância masculina, além de compreender as implicações geradas a partir dessa escolha na perspectiva das próprias estudantes. Com base em alguns estudos nacionais sobre o assunto, foi criado um questionário a fim de compreender estas questões.

Na análise estatística, verificou-se que o curso de química apresentava um percentual de mulheres mais elevado do que os demais cursos. Resolvemos analisar esta diferença. Este fato não se refletia nos percentuais raciais que se apresentavam muito baixos para todas as áreas analisadas. Resolvemos, então, focalizar as perguntas do questionário no tema de gênero.

A segunda parte deste estudo foi realizada através de um questionário respondido por 154 estudantes, 71 mulheres e 83 homens, de licenciatura e bacharelado dos cursos de Ciência da Computação, Estatística, Física, Geologia, Matemática e Química da UFRGS.

A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário (anexo) semi estruturado com perguntas fechadas e abertas, utilizando-se da ferramenta *online* Formulários Google. As perguntas foram elaboradas pelas autoras e buscaram identificar se meninas e meninos optaram pela área baseados em diferentes motivos, capitais culturais, ou razões similares.

Uma característica marcante da pesquisa com questionários é o estudo das características de determinado grupo com o objetivo de identificar as opiniões, crenças ou atitudes. Assim, entende-se que, ao utilizar o questionário para coleta de dados, a pesquisa se enquadre na técnica de levantamento de dados, pois visa-se a coleta de informações sobre os entrevistados acerca de um dado problema (GIL, 2002).

O estudo foi submetido à Plataforma Brasil sob o número CAAE 04347418.9.0000.5347. Após a aprovação, foi enviado às Comissões de Graduação (COMGRADs) dos respectivos cursos um e-mail que deveria ser encaminhado aos estudantes convidando-os a participarem da pesquisa. O e-mail continha as informações gerais da pesquisa como título, objetivo, possíveis contribuições e a duração aproximada do preenchimento. Em seguida, era disponibilizado o link do questionário que, ao clicarem, os estudantes deveriam primeiro ler e aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para prosseguir com o preenchimento das respostas.

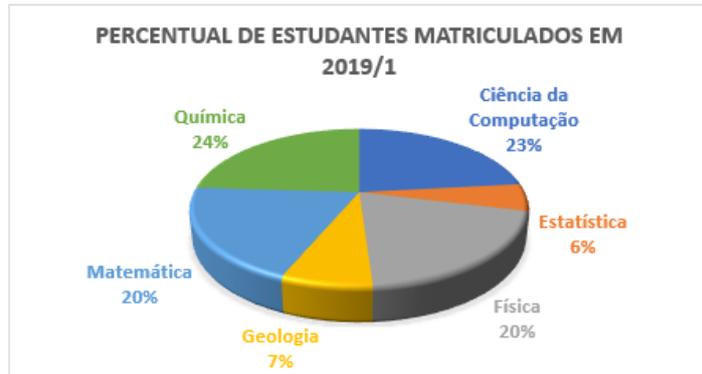
O questionário apresentava duas seções. Na primeira, a pessoa respondente se identificava e indicava como vê o curso quanto à diversidade e o que desejava para o seu futuro em termos de emprego. Na segunda seção, exclusiva para as respondentes mulheres, as questões são relacionadas às diferentes barreiras de preconceito enfrentadas por elas. Nesta seção, buscou-se entender quais seriam estes obstáculos invisíveis, labirinto de cristal, enfrentado pelas mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira etapa, analisamos o ambiente quanto à diversidade onde estão inseridos os estudantes. Avaliamos o percentual dos estudantes e de docentes de alguns cursos de graduação em CTEM da UFRGS para identificar se existe alguma área mais favorável para mulheres e se isto coincide com a questão racial.

No semestre de 2019/1 eram 2.963 estudantes nos seis cursos de graduação analisados. Desse número, 711 eram estudantes de Química, o que corresponde a 24% do total de estudantes que receberam os questionários; 689 de Ciência da Computação, cerca de 23% do total de estudantes; 596 de Física, que equivale a 20% estudantes; 583 de Matemática, 20% do total de estudantes; 219 de Geologia, 7% do total de estudantes e 165 de Estatística, em torno de 6% do total de estudantes como ilustra a Figura 1.

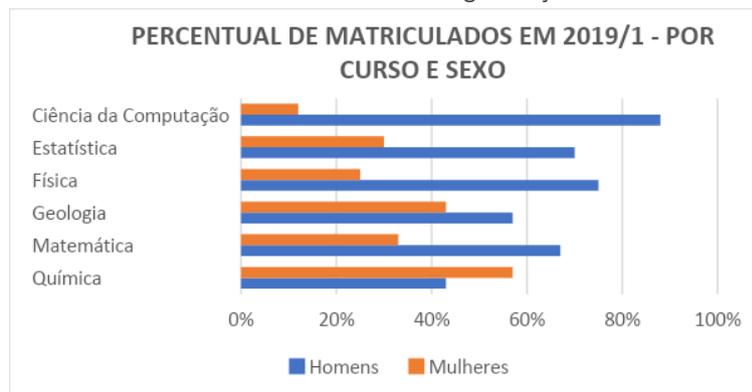
Figura 1 – Percentual de matriculados nos cursos de graduação da UFRGS em 2019/1.



Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

A Figura 2 mostra o percentual de homens e mulheres matriculados em 2019/1 em cada curso de graduação estudado. O gráfico mostra que das áreas analisadas somente a Química apresentava naquele semestre igualdade com relação ao sexo entre os estudantes. Os percentuais são semelhantes aos observados em outras instituições do Brasil (VIANA; SOUZA; ANJOS NETA, 2017; SANTOS; CANEVER; FROTTA, 2013; BARRETO, 2014).

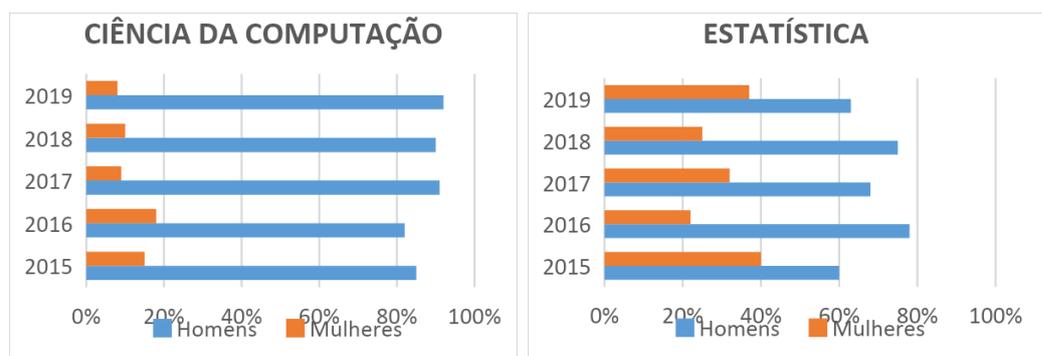
Figura 2 – Percentual de matriculados nos cursos de graduação da UFRGS em 2019/1.



Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

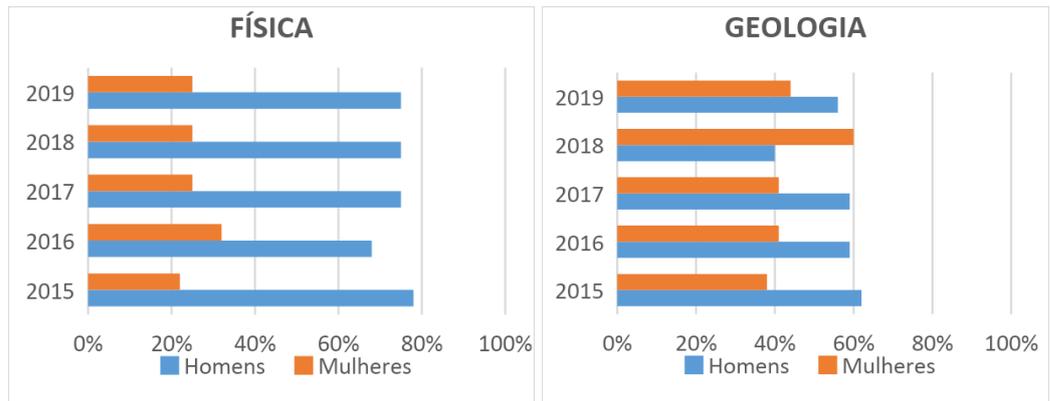
Analisamos, então, o percentual de mulheres nas áreas de exatas da UFRGS de 2015 a 2019 como ilustrado nas Figuras 3a-5b.

Figuras 3a e 3b – Percentual de matriculados em Computação e Estatística de 2015 a 2019.



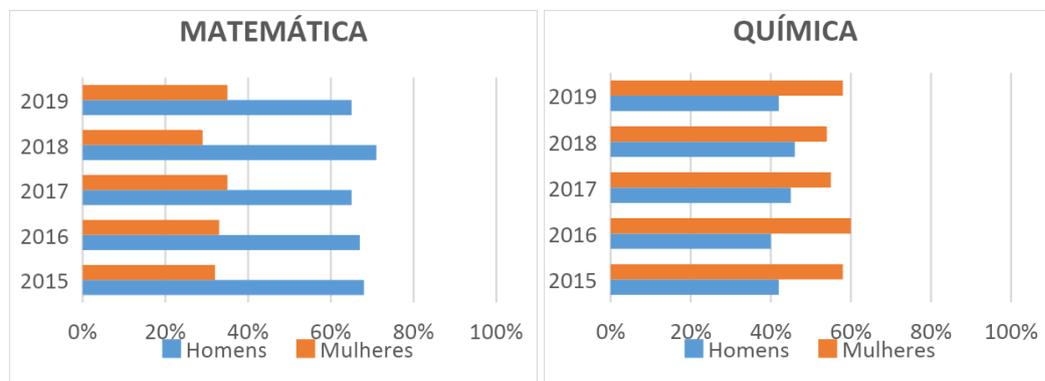
Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

Figuras 4a e 4b – Percentual de matriculados em Física e Geologia de 2015 a 2019.



Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

Figuras 5a e 5b – Percentual de matriculados em Matemática e Química de 2015 a 2019.



Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

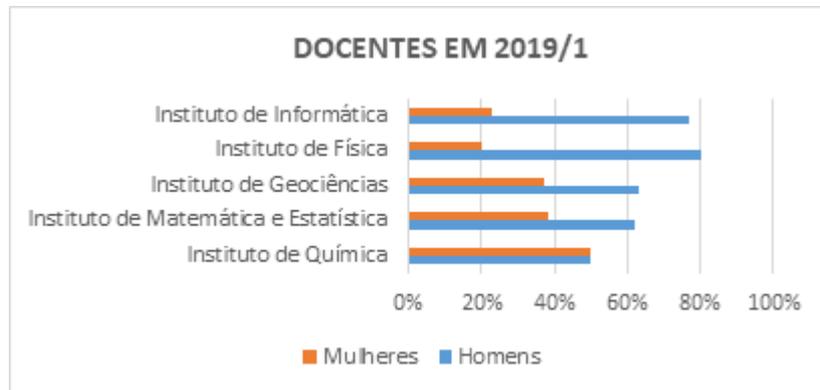
Cerca de cinco dos seis cursos analisados possuem uma maioria de estudantes homens, destacando-se o curso de Ciência da Computação, que, ao longo dos cinco anos, possui menos de 20% de mulheres entre os estudantes. O curso de Geologia, em 2018, possuía 60% de mulheres ingressantes, mesmo percentual apresentado pelo curso de Química no ano de 2016. Salienta-se também que, à exceção deste último, o percentual de mulheres ingressantes é bem mais baixo do que dos homens em quase todos os cursos analisados.

Apesar de não observarmos um aumento do percentual de mulheres na graduação das áreas de CTEM, quando analisamos o percentual de estudantes de graduação em todas as áreas do conhecimento observa-se um aumento das mulheres na graduação ao longo do tempo. Resultados recentes mostram que entre os pesquisadores com bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq, o percentual de mulheres aumentou em torno de 4% nos últimos 15 anos (ARÊAS; BARBOSA; SANTANA, 2019). No entanto, pesquisas atuais mostram que em algumas áreas o percentual de mulheres não somente não está aumentando como está diminuindo (MAIA, 2016).

Para entender o meio onde os estudantes estão imersos, analisamos, como ilustrado na Figura 6, o perfil dos docentes dos Institutos correspondentes aos cursos de graduação analisados, sendo eles: Instituto de Informática; Instituto de Matemática e Estatística; Instituto de Física; Instituto de Geociências e Instituto de Química. Foram analisados o quadro de professores titulares, associados, adjuntos, substitutos e convidados que apresentaram um perfil similar ao

observado em outras instituições do exterior (BARTHELEMY *et al.*, 2020) e no Brasil (MAIA, 2016).

Figura 6 – Percentual de docentes em 2019/1.



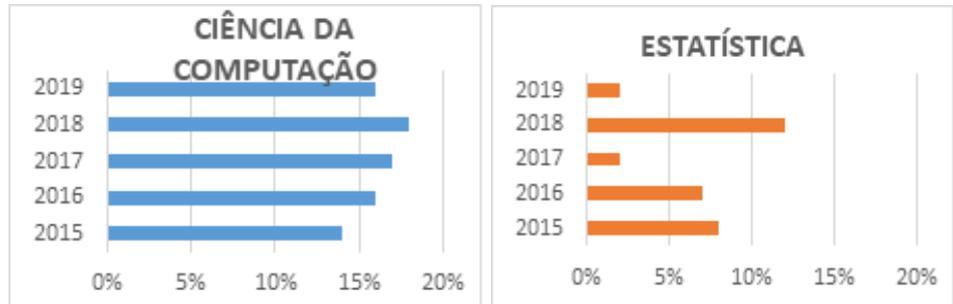
Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

Comparando as Figuras 3a-5b com a Figura 6 podemos avaliar a discrepância entre o percentual de estudantes e docentes mulheres nos cursos de graduação, evidenciando um efeito tesoura em que o percentual de mulheres diminui à medida que se passa de estudante a docente. Dentre os cursos, Química foi o único que apresentou constantemente um percentual maior de estudantes mulheres comparado aos homens, assim como um percentual igual entre docentes mulheres e homens dentre todos os cursos.

O curso de Física foi o que apresentou um menor percentual de docentes mulheres entre os cursos analisados, reforçando estudos anteriores (AGRELLO; GARG, 2009; FERRARI *et al.*, 2018).

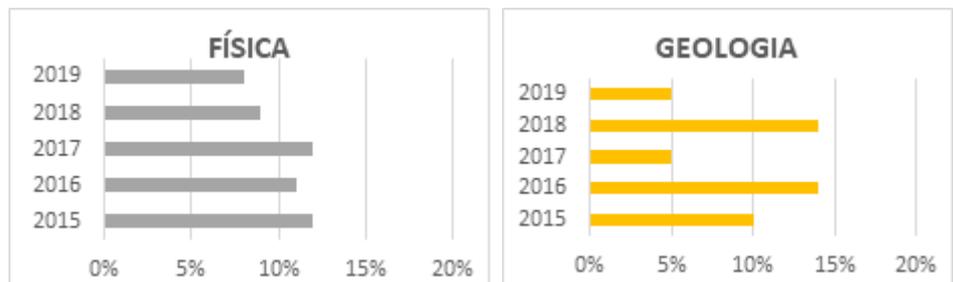
Outro aspecto relevante da análise sobre a diversidade no meio acadêmico é o percentual de estudantes de acordo com cor/raça entre 2015 e 2019. Este aspecto torna-se relevante para a pesquisa, pois nos dá um panorama sobre o percentual de estudantes que ingressaram por cotas raciais nos cursos analisados, identificando como está a situação atual da diversidade étnico-racial no Ensino Superior. Além disso, ajuda a perceber se a menor participação de mulheres em Física, Ciência da Computação e Matemática quando comparado com Química ou mesmo Geologia tem paralelo na questão racial. A coincidência implicaria algum elemento de capital cultural comum entre os dois grupos (BOURDIEU; KÜHNER, 2012).

Figuras 7a e 7b – Percentual de matriculados não brancos em Computação e Estatística de 2015 a 2019.



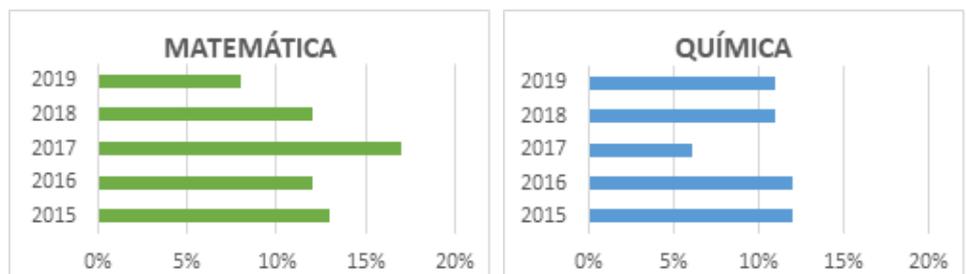
Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

Figuras 8a e 8b – Percentual de matriculados não brancos em Física e Geologia de 2015 a 2019.



Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

Figuras 9a e 9b – Percentual de matriculados não brancos em Matemática e Química de 2015 a 2019.



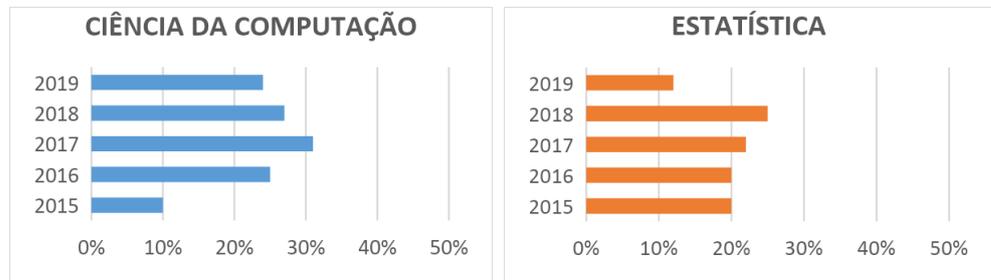
Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

Ao analisarmos as Figuras 7a-9b, observa-se que o percentual de estudantes pretos, pardos, amarelos e indígenas é inferior a 20% em todos os anos. No curso de Ciência da Computação, esse percentual tem pouca oscilação entre os anos, entre 10% e 20%. Em Estatística esse percentual é inferior a 10%, havendo apenas um aumento em 2018, algo em torno de 12%, o maior em todos os anos contemplados na pesquisa. O percentual em Física oscilou pouco, mantendo um percentual de menos de 15%. No curso de Geologia, os anos que obtiveram um maior percentual de estudantes foram 2016 e 2018. O curso de Matemática teve sua máxima em 2017, com 17%, ao contrário de Química que, no mesmo ano, teve a maior queda com apenas 6% de pretos, pardos, amarelos e indígenas entre os ingressantes.

Apesar de não ser o foco deste trabalho, fica claro que o percentual desses estudantes nos últimos 5 anos foi bem inferior se comparado aos estudantes brancos e aqueles que não declararam sua cor/raça, constituindo-se como marcador social de diferença que acaba por segregar e influenciar na posição social dos homens e principalmente das mulheres no Ensino Superior do Brasil. Destacamos que durante todos os anos, o ingresso de estudantes pretos apresentou um baixo percentual de crescimento. Estes dados acendem um alerta: a implementação das políticas afirmativas voltadas à população preta ainda não é “suficiente” para acabar com este abismo entre pretos e brancos na universidade.

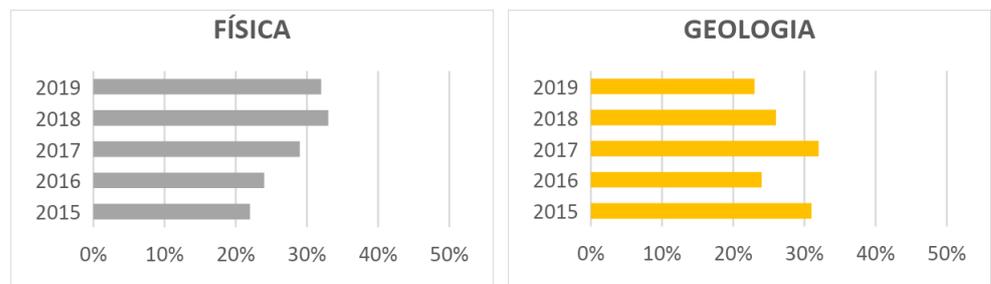
Procuramos identificar, entre os ingressantes de 2015 a 2019, o percentual de estudantes que não declararam a sua cor/raça, expressos nas Figuras 10a-12b. Os dados sobre cor/raça ainda são difíceis de mensurar com exatidão, pois muitos estudantes optam por não se autodeclararem.

Figuras 10a e 10b – Percentual de matriculados em Computação e Matemática sem declaração de raça de 2015 a 2019.



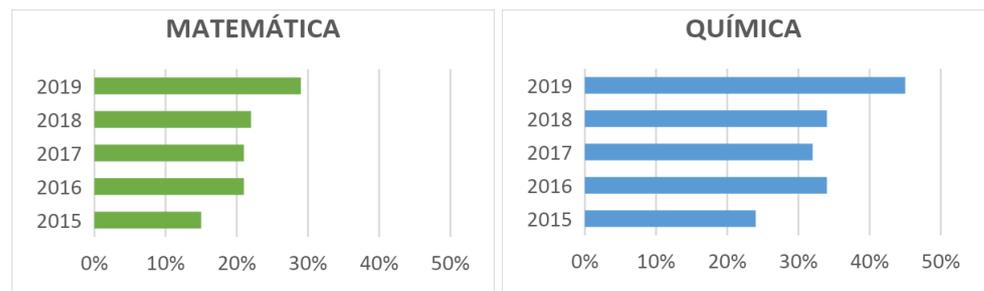
Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

Figuras 11a e 11b – Percentual de matriculados em Física e Geologia sem declaração de raça de 2015 a 2019.



Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

Figuras 12a e 12b – Percentual de matriculados em Matemática e Química sem declaração de raça de 2015 a 2019.



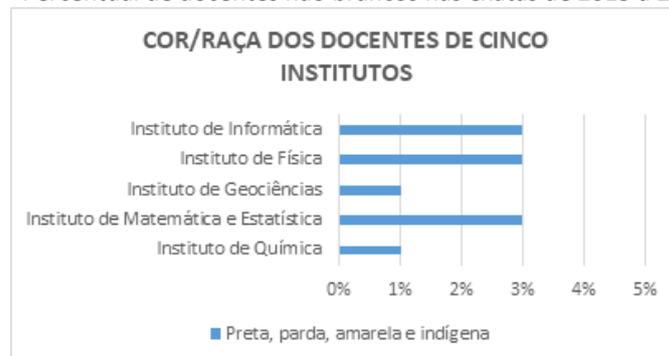
Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

Como evidenciado nas figuras anteriores, entre 10% e 45% de todos os ingressantes dos cursos de graduação não se autodeclararam com relação à sua cor/raça nos anos de 2015 a 2019. Esta questão, mostrada nas figuras 10a-12b, pode estar ligada ao fato do próprio estudante não se sentir à vontade em declarar o seu pertencimento étnico/racial ou ao não preenchimento deste campo pela própria instituição, que acaba assinalando por conta própria a opção “aluno não quis declarar a cor/raça”, dificultando a obtenção de dados para os censos da educação superior (SENKEVICS, 2017).

O aspecto referente à raça dos docentes de tais cursos de graduação também foi analisado, demonstrados na Figura 13. As informações referem-se às unidades acadêmicas onde estão lotados, que podem oferecer mais do que um curso de graduação, como é o caso do Instituto de Geociências, que tem 89 docentes vinculados e que atuam nos cursos de Geologia, Geografia e Engenharia Cartográfica, contudo, apenas 14 destes atuam no departamento de Geologia, responsável pela graduação em Geologia.

Os cursos de Matemática e Estatística são ministrados no Instituto de Matemática e Estatística; o curso de Ciência da Computação é ministrado no Instituto de Informática; o curso de Física é ministrado no Instituto de Física, assim como o curso de Química é ministrado no Instituto de Química.

Figura 13 – Percentual de docentes não brancos nas exatas de 2015 a 2019.



Fonte: Pró-reitoria de Graduação da UFRGS (2019/1).

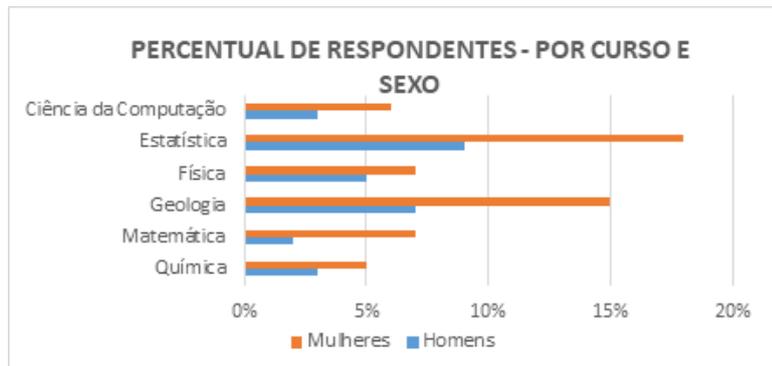
O baixo percentual de pretos, pardos, amarelos e indígenas entre o quadro de docentes é muito evidente, há menos de 5% em cada curso de graduação. O caso mais extremo foi no Instituto de Geociências, havendo apenas uma pessoa autodeclarada preta lotada como docente nesse instituto em 2019/1. O recorte de raça é importante, pois a relação raça/sexo/escolaridade nos possibilita enxergar os estereótipos definidos na área de CTEM. Segundo dados do IBGE, o percentual de mulheres brancas com Ensino Superior completo é mais do que o dobro do calculado para as mulheres pretas ou pardas, isto é, 2 ou 3 vezes maior. O percentual de mulheres brancas com Ensino Superior é mais do que o triplo daquele encontrado para os homens pretos ou pardos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE], 2018).

Os dados de raça e de gênero não mostraram um perfil comum. Mulheres estão mais presentes no curso de Química e negros e negras aparecem em percentuais menores do que os elencados pelas cotas raciais, mas sem nenhum indicativo de haver uma área com maior percentual entre as analisadas como no caso das mulheres. Isto pode indicar que o capital cultural destes grupos difere.

Resolvemos, então, colocar o foco da análise nas questões que levam as mulheres a optar por cursos de CTEM e deixamos a questão racial para outra análise, reconhecendo que apresenta uma dinâmica diferente da observada na questão de gênero.

Consequentemente, em uma segunda etapa do trabalho, analisamos as respostas do questionário proposto pelas pesquisadoras. Responderam a pesquisa, de forma voluntária, cerca de 154 estudantes dos quais 76,6% dos respondentes eram de cursos de bacharelado e 23,4% de licenciatura. A Figura 14, mostra o percentual dos respondentes, separados por curso e sexo, em cada curso de graduação.

Figura 14 – Percentual de respondentes por curso de graduação e sexo.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Dentre os seis cursos, todos apresentaram um percentual maior de respondentes do sexo feminino. Tal dado foi discutido em uma pesquisa realizada no ano de 2010 entre os estudantes de um curso de administração na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), concluindo que as mulheres são mais receptivas quanto à participação de questionários on-line em relação aos homens (VIEIRA; CASTRO; SCHUCH JÚNIOR, 2010).

Na primeira rodada de perguntas dissertativas, os estudantes foram questionados sobre o interesse de cada um pelo curso que escolheu. Essas respostas foram agrupadas em 9 temas: gosto pela área/disciplina (30%); interesse por pesquisa/ciência/tecnologia (18%); curiosidade/interação com o meio ambiente (12%); para lecionar (9%); formação pedagógica/complementar (7%); diversas possibilidades para a carreira/mercado de trabalho (7%); possui curso técnico na área (5%); única opção/o mais próximo da área que queria cursar/a nota do ENEM "deu pra entrar"(4%); outros (8%). O tema "outros" abrange assuntos como: influência da família e amigos; ajudar pessoas; troca de curso e consequente adaptação, etc. Nesta categoria, as mulheres foram maioria ao afirmarem que optaram por ingressar nos cursos de licenciatura, por exemplo, por influência da família.

Estudantes dos cursos de Geologia, Física e Ciência da Computação destacaram que há uma predominância de estudantes homens nestes cursos, o que pode estar associado a questões familiares; à situação social a que este estudante está exposto; à área de trabalho e, principalmente, à questão de gênero. Essa diferença é mais acentuada no bacharelado do que na licenciatura. Além disso, sobre essa diferença, isso pode ser atribuído ao fato do machismo imposto ao longo dos anos, destacando que a maioria dos homens tendem a escolher

determinadas profissões que normalmente oferecem salários mais altos, como é o caso das engenharias, por exemplo (SANTOS; CANEVER; FROTTA, 2013).

O curso de Química foi o único em que a maioria dos respondentes acreditam que há uma igualdade entre os sexos, evidenciado no percentual de estudantes mulheres que foi maior que dos homens. Esta maior participação das mulheres na Química é um fenômeno mundial e está ligada a diversos fatores como a cultura da área, perspectiva de empregabilidade e estereótipos que associam genialidade com certas áreas e não com outras (BIAN; LESLIE; CIMPIAN, 2017).

A nossa análise mostra que cerca de 27% dos respondentes possuem algum tipo de bolsa de estudos e, desse percentual, mais da metade são homens. Na UFRGS, as mulheres são igualmente 50% das bolsistas de graduação. O percentual de estudantes com bolsa de IC é de 8% e o de bolsistas de Assistência Estudantil é de 13,4%. O valor mais elevado de bolsistas de IC do que a média da UFRGS se justifica, pois os cursos de exatas fazem mais pesquisas. O valor menor dos bolsistas PRAE se deve igualmente ao perfil dos estudantes de exatas.

Quando perguntados sobre o que pretendiam fazer após colar grau, tanto os homens quanto as mulheres possuíam as mesmas angústias relacionadas à insegurança e às dificuldades de entrar para o mercado de trabalho sem uma qualificação. Havia 42% dos estudantes que desejam se especializar versus 31% que ou já está ou planeja entrar no mercado de trabalho. Enquanto a primeira opção pode no futuro dar uma remuneração maior, a segunda permite uma tranquilidade profissional imediata. Os demais estudantes estão ainda indefinidos. A segunda rodada de perguntas foi direcionada somente às mulheres. Iniciou-se com uma pergunta sobre se elas já haviam tido experiências negativas com relação ao fato de serem mulheres em seus cursos de graduação.

Das respondentes, 44% das mulheres indicaram ter sofrido alguma forma de preconceito/assédio em seus cursos. Desse percentual, 1% indicou que teve um trote ofensivo, 17% disse que já ouviu comentários ofensivos e/ou inconvenientes de alguns professores que causaram constrangimento, pois a maioria desses comentários foram proferidos na frente dos demais colegas, em sua maioria, homens. Entre as respondentes, 10% das mulheres já foram interrompidas pelos professores ou colegas homens durante suas exposições, receberam explicações duplas de algo que já sabiam ou até mesmo presenciaram colegas do mesmo grupo recebendo pontos extras por suas participações em aula, enquanto eram interrompidas quando queriam contribuir.

Pelo menos 8% indicaram receber comentários machistas e misóginos dos próprios colegas, principalmente em saídas a campo ou nas aulas práticas em laboratório, indicando que as mulheres teriam menos capacidade de realizar tais atividades. Um percentual de 5% das mulheres, afirmou não ter passado por nenhuma situação desconfortável, mas já ouviu relatos de outras meninas que passaram por tal constrangimento, 3% disse que já passou por algo do tipo, mas preferiu não entrar em detalhes e, por fim, 1% indicou que teve um trote ofensivo. A maioria desses comentários foram de estudantes dos cursos de Geologia, Física e Ciência da Computação.

Uma consequência disto é que, quando perguntadas se acreditavam que teriam mais dificuldades de ingressar no mercado de trabalho do que os homens, 64% das mulheres afirmaram que sim. A maioria dessas estudantes pensam que a maternidade pode ser um fator que aumente esta dificuldade, pois muitos

empregadores da iniciativa privada não gostam de empregar profissionais que sejam mães. Outro fator que prejudica as mulheres na empregabilidade é o estereótipo, pois até mesmo os concursos públicos, que, apesar de aparentemente serem mais justos, podem ter um viés de gênero nas avaliações de currículo e de provas que não sejam anônimas (MOSS-RACUSIN *et al.*, 2012).

Esta percepção infundada de que homens são melhores nas exatas, novamente não é prerrogativa apenas do Brasil. Um estudo realizado nos Estados Unidos mostra que ao avaliarem o mesmo curriculum vitae para uma posição de auxiliar de laboratório, os currículos com nomes de homens receberam avaliações mais positivas que os com nomes de mulheres, apesar de terem o mesmo conteúdo (MOSS-RACUSIN *et al.*, 2012).

Um aspecto potencialmente responsável pela baixa autoestima ou baixa expectativa das estudantes mulheres é a forma como elas observam as docentes mulheres serem tratadas. Outro estudo realizado nos Estados Unidos mostra que mulheres na docência universitária recebem um tratamento que evidencia um menor respeito por sua inteligência (ATIR; FERGUSON, 2018).

A última questão do questionário versava sobre as referências femininas que a maioria das respondentes poderia ter. Cerca de 25% das respondentes indicaram não ter nenhuma inspiração. Dos restantes 75%, 45% indicaram como inspiradoras as docentes de graduação, 22% elencaram pesquisadoras conhecidas, particularmente Marie Curie, 4% indicaram professoras do Ensino Médio, alegando que elas foram responsáveis por suas escolhas na área de CTEM e 4% disseram que uma amiga ou colega de trabalho é sua referência na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados estatísticos levantados de percentual de estudantes e de docentes por sexo e raça nos cursos de Ciência da Computação, Estatística, Física, Geologia, Matemática e Química da UFRGS mostraram que não existe igualdade. Em particular, identificamos uma maior participação de mulheres na área de química do que nas demais áreas analisadas. Na questão racial, mostramos o esperado, tendo em vista a vigência de cotas raciais, mas não identificamos uma diferença de participação de negros e negras quando comparamos as distintas áreas estudadas.

Para melhor compreender o processo de ingresso de mulheres na área de CTEM, realizamos questionários com estudantes desta área. A análise dos questionários evidenciou uma percepção de que os temas de CTEM não são usualmente escolhidos por mulheres, o que identifica uma divisão sexual do trabalho reproduzida na escolha dos cursos, em que muitas estudantes relatam ter certa insegurança em cursar uma graduação na qual há predominância de colegas homens por se acharem incapazes intelectualmente de os acompanhar. Infelizmente isso é algo que está imbricado em nossa sociedade ainda considerada machista, fazendo com que as mulheres optem pelos cursos ligados à área das ciências biológicas, saúde e humanas, enquanto os homens pelas áreas de CTEM.

Algumas estudantes, quando questionadas se já haviam passado por situações desconfortáveis (pelo fato de ser mulher) no seu curso de graduação, afirmaram que sim e que, por esse motivo, possuíam dúvidas quando pensavam em seu futuro acadêmico, devido ao preconceito e ao sentimento de inferioridade vividos por elas, principalmente nos cursos de bacharelado, onde são expostas a

comentários desnecessários e assédio de colegas e professores. Tal contexto nos faz pensar sobre a importância de dar voz e ouvidos a essas estudantes, evitando a desistência dos cursos e o baixo percentual de mulheres nas exatas nos próximos anos.

De forma complementar, percebeu-se que um dos motivos pelo qual os homens procuram os cursos de bacharelado seria pela diferença de remuneração no mercado de trabalho com relação à licenciatura, já que a profissão de professor ainda é dominada por mulheres e oferece salários inferiores aos das indústrias. Portanto, o crescimento da procura das mulheres pelas licenciaturas pode estar ligado a uma possibilidade de empregabilidade mais imediata.

No caso da Química, que evidenciou um equilíbrio no percentual de homens e mulheres, um debate interessante sobre esse crescente interesse das mulheres por essa disciplina, é o de que a exemplo de Marie Curie e Pierre Curie, química e físico respectivamente, as mulheres por terem mais habilidades manuais podem se identificar com trabalhos ligados à química, pois envolvem a realização de experimentos, por exemplo. No caso dos homens, o interesse pela física pode ter se dado, e se perpetuado até hoje, em função das habilidades teóricas conferidas a eles, vistos como cognitivamente superiores às mulheres (GUIMARÃES, 2012).

Aspectos relacionados à cor/raça dos/das estudantes e dos/das docentes também foram determinantes para se pensar sobre os problemas existentes na política de acesso ao Ensino Superior. Por mais que as cotas raciais favoreçam esse acesso dos estudantes, promovendo uma diversidade étnica no ambiente acadêmico, é preciso que ações para a permanência desses jovens também sejam incentivadas.

Nessa perspectiva, ao olharmos para esse percentual entre os docentes dos cursos de graduação analisados, fica clara a existência de um obstáculo, o qual precisa ser superado a fim de que jovens que ingressam na universidade pública por meio das cotas raciais possam se sentir representados e incentivados a atuarem também como docentes de graduação nessas áreas. Nossos resultados parecem reforçar a existência de um capital cultural mais acessível aos homens do que às mulheres, relacionado aos estereótipos de gênero (BOURDIEU; KÜHNER, 2012).

DIVERSITY AND PERCEPTION OF GENDER EQUALITY IN EXACT SCIENCES COURSES AT UFRGS

ABSTRACT

In this work, we analyze the percentage of women, black men and women in undergraduate courses and teaching in Computer Science, Statistics, Physics, Geology, Mathematics and Chemistry at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Based on the statistical data presented, we carried out a qualitative analysis on the perception of students in these courses regarding the issue of gender in the academic context. In particular, we analyze what drives female students to pursue these areas and the obstacles they face. We also sought to understand what distinguishes the exact sub-areas with greater participation of women, such as chemistry, when compared to the other areas analyzed. Data were collected anonymously in the form of an online questionnaire with closed and open questions. The results reveal a difference in participation with regard to gender, but not race, and that there are several reasons that interfere with women's interest in exact sciences, such as the influence of family, society or female references that have stood out in science.

KEYWORDS: Gender. Science, Technology, Engineering and Mathematics (STEM). Exact Sciences.

REFERÊNCIAS

- ABOUZHR, K. *et al.* Dispelling the Myths of the Gender “Ambition Gap”, 2017. Disponível em: <https://www.bcg.com/publications/2017/people-organization-leadership-change-dispelling-the-myths-of-the-gender-ambition-gap>. Acesso em: 15 de set. 2022.
- AGRELLO, D. A.; GARG, R. Mulheres na física: poder e preconceito nos países em desenvolvimento. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 31, n. 1, 1305 (1-6), 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/xv9Y7DvT9mnyZrx6JL38ZnS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 de set. 2022.
- ARÊAS, R.; BARBOSA, M. C.; SANTANA, A. B. Teorema de Emmy Nöther, 100 anos: Alegoria da Misoginia em Ciência. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 41, 1 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/QMssdFcrHV33LkWhM3PL68K/?lang=pt>. Acesso em: 18 de set. 2022.
- ARÊAS, R.; SANTANA, A. E.; BARBOSA, M. C. A Discriminação da Inteligencia no Campo Científico Brasileiro. **Revista Educação, Cultura e Sociedade Sinop/MT/Brasil**, v.10, n.3, p.002-018, Ed. Especial - 2020. Disponível em: <https://periodicos2.unemat.br/index.php/recs/article/view/8684/6965>. Acesso em: 18 de set. 2022.
- ARTES, A.; RICOLDI, A. M. Acesso de Negros no ensino superior: O QUE MUDOU ENTRE 2000 e 2010. **Cadernos de Pesquisa**, v.45 n.158 p.858-881, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/tttVNfkLTtGXpmb8JDFcdnD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 de set. 2022.
- ATIR, S.; FERGUSON, M. J. How gender determines the way we speak about professionals. *Proc. Natl. Acad. Sci. USA*, v. 115, p. 7278- 7283, 2018. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/abs/10.1073/pnas.1805284115#:~:text=We%20find%20that%2C%20on%20average,as%20more%20famous%20and%20eminent>. Acesso em: 18 de set. 2022.
- BARBOSA, M. C.; LIMA, B. S. Mulheres na Física do Brasil: Por que tão poucas? E por que tão devagar? *In: Trabalhadoras: Análise da Feminização das Profissões e Ocupações*, Ed. Silvia Cristina Yannoulas, Brasília: Abaré, 2013. 302p. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/~barbosa/Publications/Gender/gender-book-trabalhadoras-fisica.pdf>. Acesso em: 18 de set. 2022.

BARRETO, A. Mulher no Ensino Superior: Distribuição e Representatividade. **Cadernos do Grupo de Estratégico de Análises da Educação Superior no Brasil**, v.6, jul-dez, 2014. Disponível em: https://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf. Acesso em: 18 de set. 2022.

BARTHELEMY, R. S. *et al.* Educational Supports and Career Goals of Five Women in Graduate Astronomy Program. **Phys.Rev. Phys. Edu. Research**, v. 16, p 010119, 2020. Disponível em: <https://journals.aps.org/prper/pdf/10.1103/PhysRevPhysEducRes.16.010119>. Acesso em: 18 de set. 2022.

BIAN, L.; LESLIE, S-J; CIMPIAN, A. Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. **Science**, v. 355, p. 389–391, 2017. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.aah6524>. Acesso em: 18 de set. 2022.

BOURDIEU, P.; KÜHNER, M. H. **A Dominação Masculina**. 11 edição ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BREDA, T. *et al.* Do Female Role Models Reduce the Gender Gap in Science? Evidence from French High Schools. **IZA DP No. 13163**, 2020. Disponível em: <https://docs.iza.org/dp13163.pdf>. Acesso em: 18 de set. 2022.

BRITO, C. *et al.* Harassment in Brazilian universities: how big is this problem? The Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) as case study. **Anais da Academia Brasileira de Ciências** 94, e2020172, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aabc/a/gThR3Njnbx4945tDm5SfzWd/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 18 de set. 2022.

CARAN, V. C. S. *et al.* Assédio moral entre docentes de instituição pública de ensino superior do Brasil. **Acta Paulista de Enfermagem**, 23(6), p. 737-744, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/4H7JZDDzgV7wz8bkvJmMwTP/?lang=pt>. Acesso em: 18 de set. 2022.

ELSEVIER. **Gender in the Global Research Landscape**. 2016. Disponível em: https://www.elsevier.com/_data/assets/pdf_file/0008/265661/ElsevierGenderReport_final_for-web.pdf. Acesso em: 18 de jan. 2021.

FERRARI, N. C. *et al.* Geographic and Gender Diversity in the Brazilian Academy of Sciences. Social Sciences. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**. 90 (2 suppl 1), p. 2543-2552, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/aabc/a/8wVQQNCHBS9MDzyXVrd4Hnt/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 18 de set. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, .176 p., 2002.

GUIMARÃES, M. Ciência, palavra (pouco) feminina. Especial Ano Internacional da Química, **Revista Fapesp**, Fevereiro, 2012. Disponível em:
<https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2012/02/011-014.pdf>. Acesso em: 18 de set. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de gênero e indicadores sociais das mulheres no Brasil**. 2018. Disponível em:
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 18 de jan. 2021.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2019**. Divulgação dos resultados. Brasília-DF, Outubro de 2020. Disponível em:
https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2019.pdf. Acesso em: 18 de set. 2022.

LIMA, B. S. **Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências**. 133f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em:
https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3714/1/2008_BetinaStefanelloLima.pdf. Acesso em: 18 de set. 2022.

MAIA, M. M. Limites de gênero e presença feminina nos cursos superiores brasileiros do campo da computação. **Cadernos Pagu**, v. 46, p. 223-244, 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cpa/a/RpGj7Qjqj6Vqq8pVwsDjnpf/?lang=pt>. Acesso em: 18 de set. 2022.

MARSHMAN, E. M. *et al.* Female students with A's have similar physics self-efficacy as male students with C's in introductory courses: A cause for alarm? **Phys. Rev. Phys. Educ. Res.** 14, 020123, 2018. Disponível em:
<https://journals.aps.org/prper/pdf/10.1103/PhysRevPhysEducRes.14.020123>. Acesso em: 18 de set. 2022.

MOSS-RACUSIN, C. A. *et al.* Science faculty's subtle gender biases favor male students. **Proc. Natl. Acad. Sci. USA**, v. 109, p. 16474–16479, 2012. Disponível

em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1211286109>. Acesso em: 18 de set. 2022.

QUEIROZ, C. T. A. P.; CARVALHO, M. E. P.; MOREIRA, J. A. Gênero e inclusão de jovens mulheres nas Ciências Exatas, nas Engenharias e na Computação. *In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO (REDOR)*, 18, 2014, Recife. **Anais [...]**, João Pessoa: UFPB, 2014, p. 3483-3500. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2076/855>. Acesso em: 18 de set. 2022.

SANTOS, A. C.; CANEVER, C. F.; FROTTA, P. R. A influência do gênero na escolha profissional de pré-vestibulandos: estudo de caso na cidade de Criciúma/SC. **Educere e Educare Revista de Educação**, v.8, p275-289, 2013. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5741/4325>. Acesso em: 18 de set. 2022.

SENKEVICS, A. S. Cor ou raça nas Instituições Federais de Ensino Superior: Explorando propostas para o monitoramento da Lei de Cotas. *Série Documental Textos para Discussão 42*, Brasília, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017. Disponível em: <http://td.inep.gov.br/ojs3/index.php/td/article/view/3881/3557>. Acesso em: 18 de set. 2022.

VIANA, A. R.; SOUZA, F. P.; ANJOS NETA, M. S. dos A. Distribuição e Representatividade Feminina: um Estudo sobre a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB. **Revista Extensão e Cidadania**, Vitória da Conquista/BA, vol. 4, nº 8, jul/dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/recuesb/article/view/3584/2960>. Acesso em: 18 de set. 2022.

VIEIRA, H. C.; CASTRO, A. E.; SCHUCH JÚNIOR, V. F. O uso de questionários via e-mail em pesquisas acadêmicas sob a ótica dos respondentes. *In: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO*, 13, 2010, São Paulo. **Anais Eletrônicos[...]**, São Paulo: USP-FEA, 2010, p. 612-624. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/13semead/resultado/trabalhosPDF/612.pdf>. Acesso em: 18 de set. 2022.

Recebido: 13 abr. 2021.

Aprovado: 09 jan. 2023.

DOI: 10.3895/rbect.v16n1.14076

Como citar: ALVES, M. R.; BARBOSA, M. C. B.; LINDNER, E. L. Diversidade e percepção de igualdade de gênero nos cursos de ciências exatas da UFRGS. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v.16, p. 1-21, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/14076>>. Acesso em: XXX.

Correspondência: Maiara Rosa Alves - maialves19@gmail.com

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.



QUESTIONÁRIO

Você está sendo convidado(a) a responder um questionário online que faz parte de uma pesquisa de doutorado, intitulada *O interesse pelas áreas de Ciência e Tecnologia (C&T): da escola à universidade* que será desenvolvida no ano de 2019 e tem como objetivo principal avaliar o seu interesse pela escolha do curso de graduação (bacharelado/licenciatura) nesta instituição de ensino. A pesquisa terá duração de até 30 minutos, dependendo do que você tem para nos contar. Não se preocupe, você não será identificado(a).

Fique à vontade para responder as perguntas a seguir:

- 1) Qual a sua idade? _____
- 2) Indique se você é: () Homem () Mulher

Marque com um X a opção que melhor descreve seu perfil.

- 3) Indique a sua modalidade de graduação:
() Licenciatura () Bacharelado () Tecnólogo
- 4) Qual o curso de graduação você está cursando:
() Ciência da Computação () Estatística
() Matemática () Física
() Química () Geologia
- 5) Você está em que período do curso?
() Entre o 1º e o 3º semestre
() Entre o 4º e o 6º semestre
() A partir do 7º semestre
- 6) Escreva, resumidamente, sobre o porquê optou por este curso de graduação.
- 7) Você percebe a presença de mais homens ou mulheres em seu curso?
- 8) Você é beneficiário(a) de algum tipo de bolsa de estudos? Se sim, especifique.
- 9) Após a conclusão do curso, pretende ingressar no mercado de trabalho ou se especializar? Justifique sua resposta.

Caso você seja mulher, responda às seguintes questões:

- 10) Durante as aulas você já passou por alguma situação desconfortável (preconceito, assédio, etc.)? Se sim, dê exemplos.
- 11) Você acredita que poderá ter mais dificuldades em ingressar no mercado de trabalho do que os homens?
- 12) Você tem alguma referência feminina em sua área de estudos? Quem?